

HISTÓRIA, ARQUITETURA E DOCUMENTAÇÃO: TEATRO MUNICIPAL SEVERINO CABRAL, CAMPINA GRANDE-PB. (1962-1988)

HISTORIA, ARQUITECTURA Y DOCUMENTACIÓN: TEATRO MUNICIPAL SEVERINO CABRAL, CAMPINA GRANDE-PB. (1962-1988)

HISTORY, ARCHITECTURE AND DOCUMENTATION: TEATRO MUNICIPAL SEVERINO CABRAL, CAMPINA GRANDE-PB. (1962-1988)

DINIZ, DIÊGO

Mestrando em Arquitetura e Urbanismo (UFPB/PPGAU/João Pessoa)

Graduado em Arquitetura e Urbanismo / UFCG.

E-mail: diego.claudino@academico.ufpb.br; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0606-7754>

AFONSO, ALCILIA

Doutora em Projetos Arquitetônicos (ETSAB/ UPC /Espanha);

Professora adjunta do curso de Arquitetura e Urbanismo/ UFCG;

Professora efetiva do PPGH/UFCG

E-mail: kakiafonso@hotmail.com; Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6344-9329>

RESUMO

Esse texto trata sobre o resgate documental do Teatro Municipal Severino Cabral (TMSC), projetado pelo engenheiro Geraldino Pereira Duda, na cidade de Campina Grande, Paraíba, nordeste brasileiro, na primeira metade da década de 1960. O objetivo é difundir o resultado das pesquisas que vêm sendo desenvolvidas sobre o profissional e suas obras nessa cidade, decorrentes dos estudos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar/GRUPAL, desde 2015. Como estudo de caso específico, foi selecionada essa edificação, por tratar-se de um dos mais significativos exemplares de sua produção, além da importância dela no cenário urbano. Justifica-se pela importância em discutir o papel da documentação arquitetônica como primeiro passo para o trabalho de preservação patrimonial, e que deve ser resgatada, retrabalhada, gerando novos documentos que apoiem possíveis intervenções na edificação, como maneira de torná-la viva e pulsante na contemporaneidade. A metodologia da pesquisa e o aporte teórico que possibilitou tais reflexões estarão presente no desenvolvimento textual.

PALAVRAS-CHAVE: documentação; arquitetura moderna; patrimônio moderno.

RESUMEN

El texto trata del rescate documental del Teatro Municipal Severino Cabral (TMSC), proyectado por el ingeniero Geraldino Pereira Duda, a principios de la década de 1960, en la ciudad de Campina Grande, Paraíba, noreste de Brasil. El objetivo es difundir los resultados de las investigaciones que se han desarrollado sobre el profesional y su obra en esta ciudad, a través de las investigaciones realizadas por el Grupo de Investigación Arquitectura y Lugar / GRUPAL, desde 2015. Como caso de estudio específico, este edificio fue seleccionado, por es uno de los ejemplos más significativos de su producción, además de su importancia en el escenario urbano. Se justifica por la importancia de discutir el papel de la documentación arquitectónica como un primer paso en la labor de preservación del patrimonio, que debe ser rescatado, reelaborado, generando nuevos documentos que sustenten posibles intervenciones en el edificio, como una forma de hacerlo vivo y palpante en la ciudad contemporánea. La metodología de investigación y el aporte teórico que posibilitó las reflexiones aquí presentadas, serán debidamente expuestas durante el desarrollo textual.

PALABRAS CLAVES: documentación; arquitectura moderna; patrimonio moderno.

ABSTRACT

This text deals with the documentary rescue of the Teatro Municipal Severino Cabral (TMSC), designed by engineer Geraldino Pereira Duda, in the early 1960s, in the city of Campina Grande, Paraíba, northeastern Brazil. The objective is to disseminate the results of the research that have been developed on the professional and his works in this city, through investigations carried out by the Research Group Architecture and Place / GRUPAL, since 2015. As a specific case study, this building was selected, for it is one of the most significant examples of its production, in addition to its importance in the urban scenario. It is justified by the importance of discussing the role of architectural documentation as a first step in heritage preservation work, which must be rescued, reworked, generating new documents that support possible interventions in the building, as a way to make it alive and pulsating in the city. contemporaneity. The research methodology and the theoretical contribution that enabled the reflections presented here, will be properly exposed during the textual development.

KEYWORDS: documentation; modern architecture; modern heritage

INTRODUÇÃO

Esse texto trata sobre o resgate documental do Teatro Municipal Severino Cabral/ TMSC (figura 01), projetado pelo engenheiro Geraldino Pereira Duda na cidade de Campina Grande, Paraíba, nordeste brasileiro, no início na primeira metade da década de 1960. A obra foi encomendada pelo então prefeito, Severino Bezerra Cabral, tendo início em 1962, e sendo parcialmente inaugurada em 1963.

Figura 1: Reconstrução virtual 3D: perspectiva do TMSC



Fonte: Reconstrução virtual produzida por Diego Diniz, 2020.

O objetivo é difundir o resultado das pesquisas que vêm sendo desenvolvidas sobre o profissional e suas obras nessa cidade, através de investigações realizadas pelo Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar/GRUPAL, desde 2015.

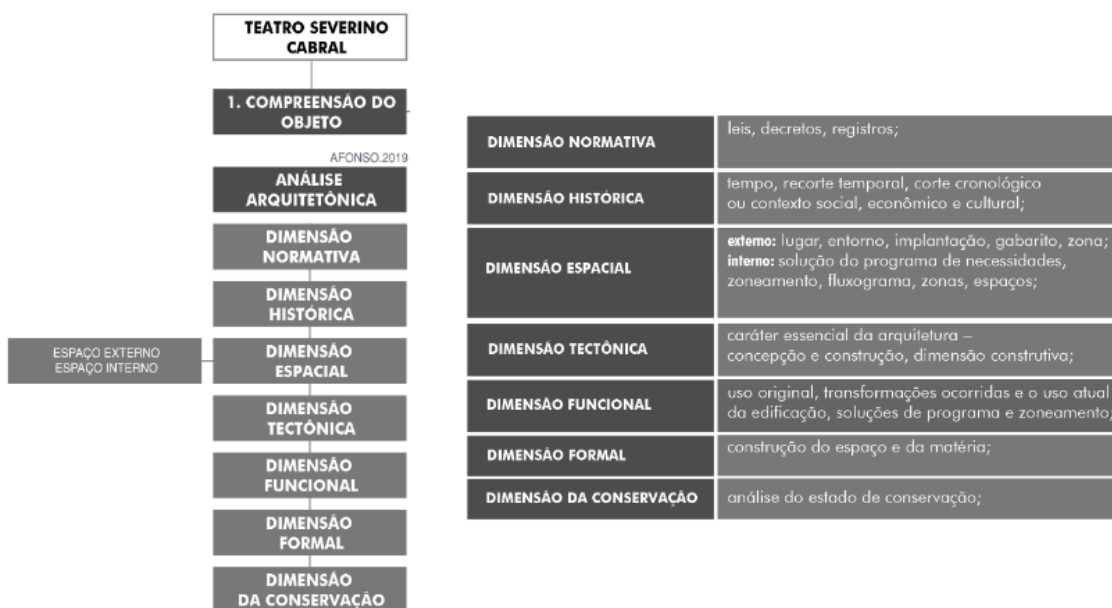
Como estudo de caso específico, foi selecionada essa edificação, por tratar-se de um dos mais significativos exemplares de sua produção, além da importância dela no cenário urbano. Justifica-se trazer à tona os resultados da pesquisa desenvolvida sobre a obra e sua documentação, pela importância em discutir o papel do acervo documental arquitetônico como primeiro passo para o trabalho de preservação patrimonial, e que deve ser resgatado, retrabalhado, gerando novos documentos que apoiem possíveis intervenções na edificação, como maneira de torná-la viva e pulsante na contemporaneidade.

Como metodologia da pesquisa que possibilitou os resultados aqui apresentados, se adotou a proposta desenvolvida por Afonso (2019), que entende a obra como um objeto arquitetônico composto por sete dimensões de análise, como um caminho contínuo de exploração passo a passo, como maneira de apreendê-la (figura 02). Tal caminho compreende as seguintes dimensões analíticas: as normativas que envolvem o objeto; os condicionantes históricos; os aspectos espaciais do exterior e do interior da obra; os elementos tectônicos de sua construção; a funcionalidade; os aspectos plásticos e formal do edifício, e, finalmente, aspectos referentes à conservação.

Como fontes primárias, trabalhou-se com uma documentação original coletada em acervos públicos: da Secretaria de Planejamento Gestão e Transparência (SEPLAN) e da Secretaria de Cultura (SECULT); e privados: no arquivo do escritório de Geraldino Duda.

Segundo (Katinsky, 2005), o edifício é entendido como um documento, e por isso, foi visitado, fotografado, percebido, por diversas vezes, a fim, de se aprofundar mais em aspectos de sua construção, espacialidade e funcionalidade, e patologias.

Figura 2: Esquema metodológico da pesquisa sobre a obra.



Fonte: AFONSO (2019), redesenhado por DINIZ (2020).

A coleta inicial gerou uma segunda etapa documental, produzida através de redesenho empregando programas gráficos como *AutoCad*, que produziu plantas baixas, de cobertura, cortes e fachadas, além de detalhes projetuais e construtivos da obra.

A terceira etapa gerada da documentação utilizando-se de programa gráfico para reconstruir virtualmente o objeto analisado, como o *software SkechUp*, contribuindo assim, para mais um passo do processo, produzindo 3D's (modelo tridimensional) do Teatro, que contribuíram ainda mais para a compreensão dos valores projetuais e construtivos da edificação.

Dessa maneira, tomando como aporte esses distintos documentos, esse texto propõe analisar arquitetonicamente o objeto de estudo deste trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

As palavras-chaves desse texto estão voltadas para os conceitos de documentação; arquitetura moderna; patrimônio moderno. Serão vistos, de forma breve, os conceitos que embasaram esse texto, como referencial teórico que dialoga com o objeto analisado- o Teatro Municipal Severino Cabral.

Sobre a documentação e sua importância no trabalho de preservação, Quintero (2020, s/p) colocou que *“a documentação é uma prática profissional multidisciplinar e requer formação específica. O objetivo da documentação é prolongar a vida útil do patrimônio e deve basear os projetos de conservação. Serve também para interpretação e apresentação de um sítio.”*

Em complemento a essa discussão, Queiroz (2020, s/p) comenta que *“a documentação ocupa um papel central para a salvaguarda do patrimônio cultural sobretudo quando estamos diante de saberes, conhecimentos, técnicas e habilidades que precisam de um suporte físico para se manter”*.

Araújo (2020) em sua participação na Webinar *“O Cenário Brasileiro e Latino-Americano da Documentação do Patrimônio: pesquisas, pesquisadores e Instituições”*, colocou que:

A documentação do patrimônio, como instrumento de conservação do patrimônio, é uma atividade interdisciplinar. O primeiro desafio é o estabelecimento de parcerias, equipes de diferentes áreas do conhecimento para elaboração de uma documentação capaz de identificar, ler, interpretar os aspectos tangíveis e intangíveis de bens materiais e imateriais. A formação de especialistas em patrimônio deve sempre partir dos fundamentos da documentação, expostos principalmente nas

cartas patrimoniais, pelo estudo das práticas do campo, mas também da aplicação das técnicas e tecnologias que auxiliem a elaboração de uma documentação consistente. (ARAÚJO, A. 2020, s/p)

Observa-se a atenção que pesquisadores e instituições preservacionistas vêm dando à documentação, entendida como uma fase inicial e fundamental das ações de preservação patrimonial. Adquirida em fontes primárias (como arquivos públicos, privados, colecionadores, pesquisadores), e em fontes secundárias (encontradas em bibliotecas, livros, sites), a documentação poderá ser reforçada e ampliada através do trabalho conjunto de maneira multidisciplinar entre “*profissionais de diversas áreas de conhecimento: arquitetos e urbanistas, engenheiros civis, engenheiros de agrimensura, engenheiros cartográficos, geógrafos, turismólogos, museólogos, sociólogos, antropólogos, arqueólogos, historiadores e artistas plásticos, cientistas da computação e da informação e biblioteconomistas*” (2020, s/p).

Na contemporaneidade, a utilização de ferramentas digitais vem contribuindo de forma crucial para o desempenho da documentação no processo de proteção e de salvaguarda dos bens culturais, com o emprego de tecnologias que empregam laser scanner, drones, programas gráficos e equipamentos eletrônicos proporcionando facilidades e ampliações, quanto a qualidade documental.

O professor mexicano Aurelio Sánchez Suárez (UADY – México) colocou durante uma webinar realizada pelo comitê nacional de documental do Icomos Brasil, que discutia o uso de ferramentas digitais para a documentação:

A tecnologia do laser scanner, combinada com softwares avançados tem possibilitado que o registro do patrimônio material seja feito de forma muito rápida e precisa. Entretanto, a presença de um profissional capacitado fazendo o registro de detalhes com uma câmera fotográfica, segue sendo fundamental. (SUAREZ, A. 2020, s/p)

Nessa mesma webinar, e complementando as colocações de Suarez, o professor Márcio Minto (IAUUSP/ Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo) acrescento à discussão que:

A adoção do BIM ou do HBIM permite adicionar informações semânticas (técnicas construtivas, uso da edificação, informações históricas) aos registros geométricos. Para decidir que tipo de levantamento será feito, deve-se perguntar, inicialmente, qual o tipo de objeto será cadastrado e o propósito da elaboração do modelo (documentação detalhada digital, estratégia de estudo de técnicas, construtivas, divulgação, gestão e manutenção do bem). Um limite seria o uso de softwares que foram concebidos para uso em construções novas e não se adequam às particularidades de bens patrimoniais. (MINTO, M. 2020, s/p)

Dessa forma, após observar o papel da documentação na preservação, ver-se-á a seguir, o conceito da arquitetura moderna, enquanto linguagem que permeia a construção formal do Teatro em estudo, e que se tornou corrente nas obras de Geraldino Duda.

Esclarece-se aqui, que o movimento moderno foi uma corrente de tendência internacional que partiu das vanguardas europeias de princípios do século XX, apoiadas na teoria e prática da Bauhaus (Gropius, 1972), de Le Corbusier (2000) - se expandindo ao longo dos anos vinte. Conhecido também como “*método internacional, estilo internacional e funcionalismo*”, conforme colocou Montaner (2009, p.12), essa linguagem proliferou pela América, sendo consolidada nos Estados Unidos.

Piñón (1997) explica que “*mientras Europa se batía en la Segunda Guerra Mundial, en Estados Unidos se consolidaba una arquitectura que confiaba en la concepción formal del espacio como criterio de identidad histórica y cultural de sus productos*”. (PIÑÓN, 1997, p.22)

A arquitetura moderna racionalista foi a linguagem adotada por Geraldino Duda, e essa, segundo Montaner (2002), parte do princípio da exaltação do método:

A arquitetura racionalista parte da exaltação do método: toda precipitação, intuição ou improvisação deve se substituída pela sistematicidade dos cálculos precisos e dos materiais fabricados em serie. As obras realizadas pelo racionalismo são as que mais satisfaz a mente humana: permitem uma compreensão total, já que sua configuração coincide com a sua estrutura da nossa racionalidade, da qual surgiram (MONTANER, 2002. p.86)

No Brasil, o tema da modernidade tem sido bastante estudado, e Segawa (1997) é um dos autores que tem se dedicado a socializar as fases dessa linguagem, propondo uma divisão para sua compreensão, de um modo bastante didático e que ser observado por pesquisadores que desejam entender a arquitetura moderna brasileira.



Essa linguagem moderna brasileira na arquitetura teve como precursores, os arquitetos: Lúcio Costa - que trabalhava no Rio de Janeiro, e o russo Gregori Warchavsky que migrou para São Paulo nos anos 20, e através de suas atuações profissionais proliferaram os princípios de modernidade utilizados na Europa, procurando, entretanto, adaptações projetuais e construtivas aos trópicos brasileiros.

Segundo Afonso (2006, p. 47), Lúcio Costa foi o principal e mais importante teórico dessa linguagem arquitetônica no Brasil, onde seus princípios projetuais adotados estavam vinculados à sua formação acadêmica, recebendo a partir de 1929, as influências do pensamento corbusieriano. Em 1934, publicou seu manifesto em favor da arquitetura moderna (Costa, 1995), defendendo mudanças na forma de projetar e construir, a partir da aplicação dos conceitos propostos pelo mestre Le Corbusier

Goodwin (1943) sintetizou o cenário brasileiro moderno nos anos 40, apontando para alguns detalhes referentes a produção da arquitetura moderna:

Primero, trae el carácter del propio país y de los artistas que la lanzaron; en segundo lugar, se ajusta al clima y a los materiales de que dispone. En particular, la protección contra el calor y los reflejos de la luz fuerte fue encarada valientemente y resuelta brillantemente. Y, en tercer lugar, toda esta producción ocurrió a la evolución completa del movimiento algunos pasos en el sentido de las ideas lanzadas tanto en Europa como en la América, antes de la Guerra de 1914. (GOODWIN .1943, p. 103)

O paradigma da modernidade brasileira foi Le Corbusier (AFONSO, 2006, p. 51), que sem dúvida foi o personagem que mais influenciou aos Oscar Niemeyer, Jorge Moreira, Afonso Eduardo Reidy, entre outros arquitetos que foram precursores dessa linguagem no Brasil.

Bruand (1981, p. 89) aponta como três temas básicos, a influência recebida no Brasil por Le Corbusier: 1) seu método gráfico de trabalho projetual; 2) a preocupação pelos problemas formais; 3) a valorização dos elementos locais. Tais influências foram incorporadas na arquitetura brasileira após visitas de Le Corbusier ao Brasil em 1929, 1936 e 1962 (AFONSO, 2006, p.51)

Após a influência corbusieriana, o arquiteto carioca Oscar Niemeyer tornou-se o principal nome que causava grande admiração de projetistas, arquitetos de todas as cidades brasileiras e, no exterior.

AFONSO (2006, p. 67) escreveu sobre o papel de Niemeyer colocando que o arquiteto esteve presentes nas três principais obras que eram referência no cenário nacional: o Ministério de Educação e Saúde (MÊS) no Rio de Janeiro (1937-1943); a construção de dos projetos desenvolvidos para a Lagoa de Pampulha, em Belo Horizonte nos anos 40 (1942-1943;) e a construção de Brasília no final dos anos 50 - quando esteve à frente da Novacap, sendo o responsável pelos projetos de edificações institucionais, de superquadras do Plano Piloto da cidade proposto por Lúcio Costa, e concebida dentro dos princípios urbanísticos modernos presentes na Carta de Atenas (LE CORBUSIER, 1989).

A proposta formal/plástica presente nas obras de Niemeyer criaram um modismo nacional, e foi adotado por projetistas como Geraldino Duda, que visitavam tais conjuntos arquitetônicos para ver e aprender com o mestre carioca a projetar uma nova arquitetura, trazendo elementos formais niemeyerianos para as suas produções locais.

O acervo desse recorte histórico da arquitetura moderna está inserido no conceito mais amplo de patrimônio arquitetônico moderno - bens materiais imóveis pertencentes ao século XX, que adotaram critérios e valores da linguagem vista anteriormente.

Catriota (2009) explica que o conceito de patrimônio tem sido ampliado na contemporaneidade, passando de um *“discurso patrimonial baseado na ideia consolidada do monumento histórico e artístico, referente aos monumentos antigos, para uma concepção do patrimônio entendido como o conjunto de bens culturais, referentes às diversas identidades coletivas”* (Catriota.2009, p.12).

A Constituição Brasileira de 1988 incorporou a expansão conceitual, e entende patrimônio cultural brasileiro, como *“os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”* (Brasil, 1988, s/p).

O conceito de patrimônio moderno, conforme escreveu Camargo (2020, p.169), *“foi um termo consolidado, em meados dos anos 1980, diante da possibilidade de reconhecimento dos bens culturais modernos como patrimônio, cujo atraso se deu devido aos critérios estabelecidos nas primeiras legislações europeias.”*



A Carta de Veneza (1964) ampliou essa noção, ao compreender o conceito de bem cultural além de obras monumentais e excepcionais, incorporando no rol do acervo material móvel, indústrias, vilas operárias, estações de transporte, manifestações sociais vinculadas à modernidade, colocando o acervo moderno em lugar.

A noção de monumento histórico compreende a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Estende-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural. (CARTA DE VENEZA, 1964, s/p)

Nesse caminho, conforme explicou Camargo (2020, p.169), o *“Brasil foi pioneiro no reconhecimento dos bens modernos, com a Capela de São Francisco de Assis, de Oscar Niemeyer, na Pampulha, tombada em 1947, e o Ministério da Educação e Saúde Pública, de Lúcio Costa e equipe, no Rio de Janeiro, em 1948.”*

RESGATANDO O AUTOR DA OBRA: GERALDINO PEREIRA DUDA

Geraldino Pereira Duda (figura 03) nasceu em Campina Grande, em março de 1935, filho de Antônio Pereira Duda e Vitalina Pereira Lima. Durante sua infância morou em diversas cidades dos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.

Começou a trabalhar aos nove anos de idade em uma fábrica de tecidos, e posteriormente em uma oficina mecânica. Aos quinze anos, iniciou suas atividades como desenhista para o arquiteto Josué Barbosa, incentivado pelo amigo, o fotógrafo Sóter Farias. Sete anos depois, Geraldino casa com Nilma Feitosa Pereira, com quem teve cinco filhos: Niúra, Gláuro, Gláucio, Nilda e Glauber (in memoriam), conforme escreveu Meneses (2017).

Desde cedo se destacou como desenhista e projetista autodidata, devido à sua aptidão nata, vindo a despertar grande interesse na sua atuação como projetista na cidade, atraindo novos clientes.

Figura 03: Geraldino Duda desenhando um croqui do Teatro (2019)



Fonte: Fotomontagem e fotografias de Diego Diniz, 2020.

No período em que trabalhava no Departamento de Urbanismo (DPU), da Prefeitura de Campina Grande, recebeu a incumbência de projetar o Teatro Municipal (1962). Isso ocorreu um ano após ter viajado para conhecer a recém inaugurada Brasília, tendo o primeiro contato com as obras de Oscar Niemayer (MENESES, 2017).

Ainda como funcionário da Prefeitura Municipal de Campina Grande, atuou como chefe do DPU, chegando ainda a ser diretor do departamento, no mandato de Willian Arruda. Sua contribuição com o urbanismo da cidade é vasta. Como exemplos podemos citar: o desenho da Praça do Trabalho; o projeto Multi-Lagos (que não chegou a ser executado, mas atualmente passa por revisões); o traçado urbano do bairro da Prata, dentre muitos outros. (MENESES, 2018, p.15)

Conjuntamente à sua atuação profissional, como meio de capacitação, Geraldino realizou cursos oferecidos por correspondência de “desenho arquitetônico”, como os oferecidos pelo Instituto Monitor, relatado por ALMEIDA (2015). Na década de 1970, após alguns anos atuando como projetista, graduou-se em engenharia civil na Escola

Politécnica de Campina Grande, possibilitando o exercício legal profissional.

Segundo Meneses (2017), Geraldino Duda foi responsável pela autoria de centenas de residências, predominantemente com linguagem moderna, que eram divulgadas em jornais e revistas locais. Uma delas, inclusive, foi publicada na Revista *O Cruzeiro*, de circulação nacional, como relata Almeida (2010). Além disso, também contribuiu no desenvolvimento urbano da cidade, participando da elaboração de diversos projetos, como por exemplo, a Praça do Trabalho e o traçado urbano do bairro da Prata (MENESES, 2017).

Afonso e Pereira (2020) explicam que antes de Geraldino Duda se sobressair no cenário campinense, alguns arquitetos precursores já atuavam na cidade, trazendo a linguagem moderna para o cenário urbano:

Denomina-se arquitetos precursores, aqueles profissionais, que mesmo sem serem nascidos na cidade de Campina Grande, desenvolveram ali, um trabalho significativo e precursor no local, como por exemplo, os arquitetos pernambucanos Augusto Reynaldo, e Heitor Maia Neto; e o carioca Hugo Marques. (AFONSO e PEREIRA.2020, s/p)

Salienta-se que “Esses profissionais foram os primeiros a produzir na cidade uma arquitetura moderna, logo apreendida pelo campinense e arquiteto autodidata Geraldino Duda, que consolidou na cidade tal forma de projetar e construir, executando centenas de obras que mudaram pouco a pouco a paisagem urbana com uma nova arquitetura.” (AFONSO E PEREIRA, 2020, s/p).

Nesse processo de consolidação, outros arquitetos também contribuíram de maneiras distintas. O pernambucano Tertuliano Dionísio, que atuou bastante na área projetual institucional, e o campinense Renato Azevedo, que além de sua formação arquitetônica, adentra na área urbanística, coordenando e planejando importantes obras em escala urbana. (AFONSO e PEREIRA. 2020, s/p)

Dessa forma, Geraldino destacou-se na produção moderna, com suas obras residenciais, coincidindo com o mesmo período da construção do TMSC, na década de 1960. Segundo ALMEIDA (2010), isso provavelmente ocorreu devido à repercussão da construção do teatro, que contribuiu ao seu reconhecimento pelos campinenses.

Tendo elaborado alguns projetos já nos anos 1950, impressionava o número de projetos de residências durante os anos 1960, boa parte contemporânea à construção do teatro. É possível que, tanto os contatos dentro da prefeitura, como a visibilidade que a construção do teatro lhe proporcionou, tenham contribuído para o seu reconhecimento no meio campinense. (ALMEIDA, 2010, p. 171)

ALMEIDA (2010) escreveu sobre algumas características da produção arquitetônica de Geraldino: adoção de plantas escalonadas, uso de diferentes cores, materiais e revestimentos e o emprego de escadas e rampas. Além disso também é perceptível o cuidado com a inserção da obra no terreno, buscando melhor aproveitamento a partir de diferentes níveis.

Fortemente influenciado pela arquitetura que era divulgada nas publicações especializadas e em outros meios de comunicação, pode-se reconhecer alguns traços marcantes de sua produção, e que passaram a ser experimentados de formas diversas em seus projetos: o gosto pelas plantas escalonadas, o uso de diferentes cores e materiais de revestimentos, e a utilização de escadas e rampas são algumas das características verificadas em seus projetos residências. (ALMEIDA, 2010, p. 172)

Dessa produção residencial destacam as seguintes residências: Hélio Paiva (1960), Sostenhis Silva (1960), Eutiqui Loureiro (1962), Heleno Sabino (1962), Emílio Aguiar (1962), Diniz Magalhães (1962), Camilo Paulino (1964), Anderson Costa (1964) e a Amaro Fiuza Chaves (1968).

Atualmente, Geraldino está com 84 anos, e mesmo tendo se aposentado, ainda mantém seu escritório, no qual visita recorrentemente e armazena diversos documentos e materiais de projetos de sua autoria.

ANÁLISE ARQUITETÔNICA DA OBRA ATRAVÉS DA DOCUMENTAÇÃO

Para realizar a análise apresentada a seguir, os autores se apoiaram na metodologia de pesquisa arquitetônica proposta por Afonso (2019), utilizando o material coletado em arquivos – fonte primária - por Diniz (2019) durante projeto de iniciação científica, além do material elaborado em trabalho de conclusão de curso (Diniz, 2020), também sob a orientação da professora Alcilia Afonso, coordenadora do grupo de pesquisa arquitetura e lugar, vinculado ao curso de arquitetura e urbanismo da UFCG/ Universidade Federal de Campina Grande.



Dimensão normativa

A primeira variante de análise trata-se da dimensão normativa, “que compreende as leis, decretos e registros que protegem determinado bem. Nessa etapa é fundamental a pesquisa realizada em órgãos públicos que estejam ligados à preservação cultural, seja em nível municipal, estadual ou federal” (AFONSO, 2019, s/p).

O TMSC localiza-se próximo ao perímetro de tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), do que corresponde ao centro histórico de Campina Grande, de acordo com o Dec. 25.139 de 29 de junho. 2004. Fato esse, que torna mais relevante por sua implantação próximo a essa área reconhecida em nível estadual para preservação.

Devido ao seu valor cultural e arquitetônico, possui notificação de cadastramento nº 0009/2001 (Figura 04) pelo IPHAEP, que o protege contra demolições, reformas ou quaisquer modificações externas e internas, que venham danificá-lo ou descaracterizá-lo.

Figura 04: Notificação de cadastramento Nº 009/2001 do TMSC emitido pelo IPHAEP

NOTIFICAÇÃO DE CADASTRAMENTO
N.º 0009/2001

João Pessoa, 31 de outubro de 2001

Do: Diretor Executivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba - IPHAEP

Ao Sr. (a) **PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE**

Endereço: _____

O Diretor Executivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba - IPHAEP, usando das atribuições que lhe confere a Lei n.º 357 de 16 de janeiro de 1991, publicada no Diário Oficial em 17.01.91, combinada com o Art. 2.º, Capítulo II, do decreto n.º 7.819 de 24.10.78, publicado no Diário Oficial em 28.10.78, e ainda, com referendo do Conselho de Proteção dos Bens Históricos Culturais - CONPEC, notifica Vossa Senhoria que o imóvel denominado - **TEATRO MUNICIPAL**, situado na **Rua Floriano Peixoto, s/n - Centro - Campina Grande/PB** foi CADASTRADO por este Órgão, aprovado na sessão de 17 de outubro de 2001.

Assim sendo, de acordo com a legislação em vigor, fica o (s) proprietário (s) ou responsável (eis) obrigado (s) a cumprir (em) as seguintes determinações legais:

- Não demolir, reformar ou efetuar quaisquer modificações externas ou internas, que venham adulterar as características atuais do imóvel, sem prévia autorização do IPHAEP.
- A transferência do imóvel em qualquer época deve ser comunicada ao IPHAEP, na Av. João Machado, 348 - Centro, João Pessoa/PB, CEP 58013-520.

Atenciosamente,

João Pessoa
João Pessoa
DIRETOR DO IPHAEP

Fonte: Cópia do documento cedido pelo IPHAEP.

Segundo o Plano Diretor de Campina Grande, Lei complementar nº 003, de 9 de outubro de 2006, o Teatro está inserido na “zona de qualificação urbana”, que se caracteriza por usos múltiplos, tratando principalmente das questões de adensamento construtivo, sistema viário, equipamentos públicos e espaços livres e de lazer.

Ainda de acordo com tal Lei complementar, são objetivos da política municipal do patrimônio cultural, garantir que o patrimônio arquitetônico tenha usos compatíveis com a edificação, além de estabelecer e consolidar a gestão participativa do patrimônio cultural.

Deve-se também observar as normatizações estabelecidas pelo Código de Obras de Campina Grande, Lei Nº 5410/13, pelo qual o TMSC classifica-se em “usos especiais”. Essa categoria estabelece uma série de normativas para edificações destinadas à locais de reuniões de pessoas, como auditórios, cinemas e teatros.

Dimensão histórica

A análise dessa dimensão “está relacionada ao tempo, recorte temporal, contexto social, econômico e cultural do objeto arquitetônico. Nessa dimensão devem ser feitas análises de diversos fatores associados à época estudada: sobre o projeto, a obra, os clientes e custos, na época em estudo”. (Afonso, 2019, p.58)

Em 1962, o então prefeito de Campina Grande, Severino Cabral Ribeiro, encomendou aos técnicos da Prefeitura Municipal o projeto de um teatro, o qual foi parcialmente inaugurado, em 1963. O projeto ficou ao encargo de Geraldino Duda e do engenheiro calculista, Lynaldo Cavalcante (figura 05).

Lynaldo Cavalcanti foi um grande engenheiro campinense (formado na Escola de Engenharia da UFPE), e muito atuante na cidade, participando como conselheiro do Serviço Nacional de Aprendizagem industrial/ SENAI. Chegou a



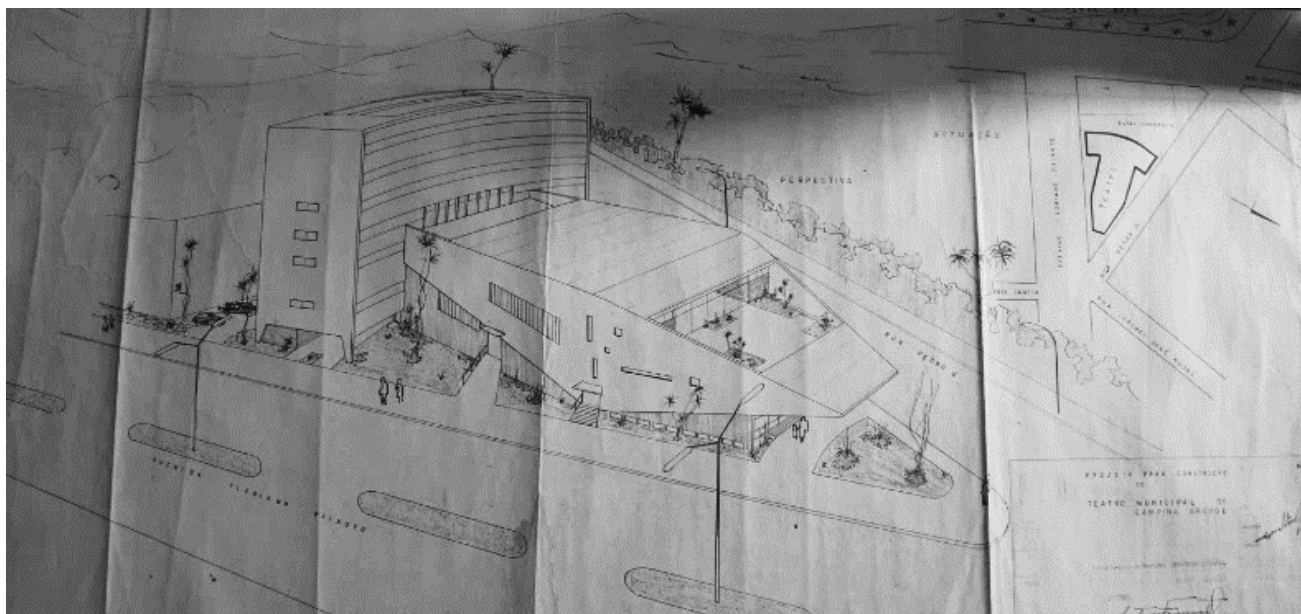
ser Reitor da Universidade da Paraíba (1967/78), depois de ser Diretor da Escola Politécnica da UFPB (1964/71).

Lynaldo Cavalcanti possuía ainda uma empresa particular voltada para serviços técnicos de construção civil, elaboração de cálculos técnicos, orçamentos, trabalhos de arquitetura e projetos, onde atuava como diretor, juntamente com Pedro Araújo.

Segundo ALMEIDA (2007), a consolidação da arquitetura moderna em Campina Grande ocorreu na década de 1960, com a construção do TMSC, enquanto obra de grande significância. Provavelmente a construção do Teatro Castro Alves (1957-58) do arquiteto Bina Fonyat em Salvador/ Bahia, serviu como referência volumétrica, principalmente quando observa-se a laje inclinada que marca a entrada de ambas as obras.

A consolidação da arquitetura moderna na cidade só se dá, de fato, na década seguinte, notadamente com a construção do Teatro Municipal Severino Cabral (1962-63), projeto de Geraldino Pereira Duda, umas das obras mais significativas da época, o que não implica dizer ser a primeira. (ALMEIDA, 2007, p. 7)

Figura 05: Documentação original do projeto arquitetônico com perspectiva de Geraldino Duda.

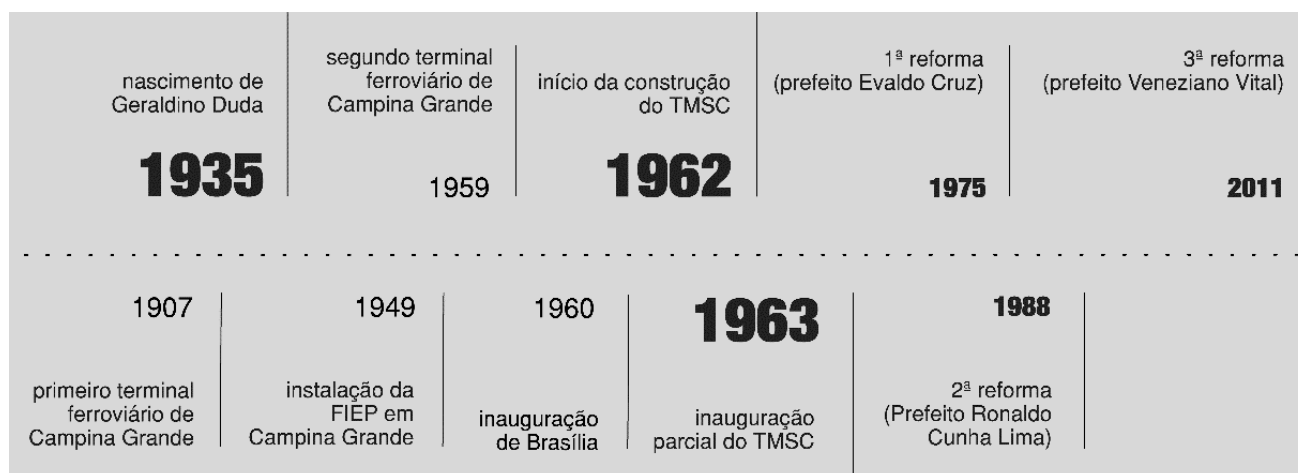


Fonte: Acervo particular de Geraldino Duda.

A obra foi executada pela Construtora G. Gióia & Cia de Campina Grande, tendo como fiscal o engenheiro Moutinho. Todo o tratamento acústico e mobiliário foi realizado pela empresa Kastrup da cidade de Recife.

Desde sua inauguração, em 1963, ocorreram três reformas no Teatro: a primeira, em 1975, no mandato do prefeito Evaldo Cruz, onde foi construído o Mini Teatro Paulo Pontes; a segunda, em 1988, pelo então prefeito Ronaldo Cunha Lima, que realizou uma intervenção de grande proporção, acarretando na alteração de elementos externos e “modernização” dos espaços internos; e por fim, a terceira e última reforma que ocorreu entre 2009 e 2011, na gestão do prefeito Veneziano Vital, com adaptações à acessibilidade e às normatizações de segurança contra incêndios. (figura 06)

Figura 06: Linha do tempo contextualizando o TMSC



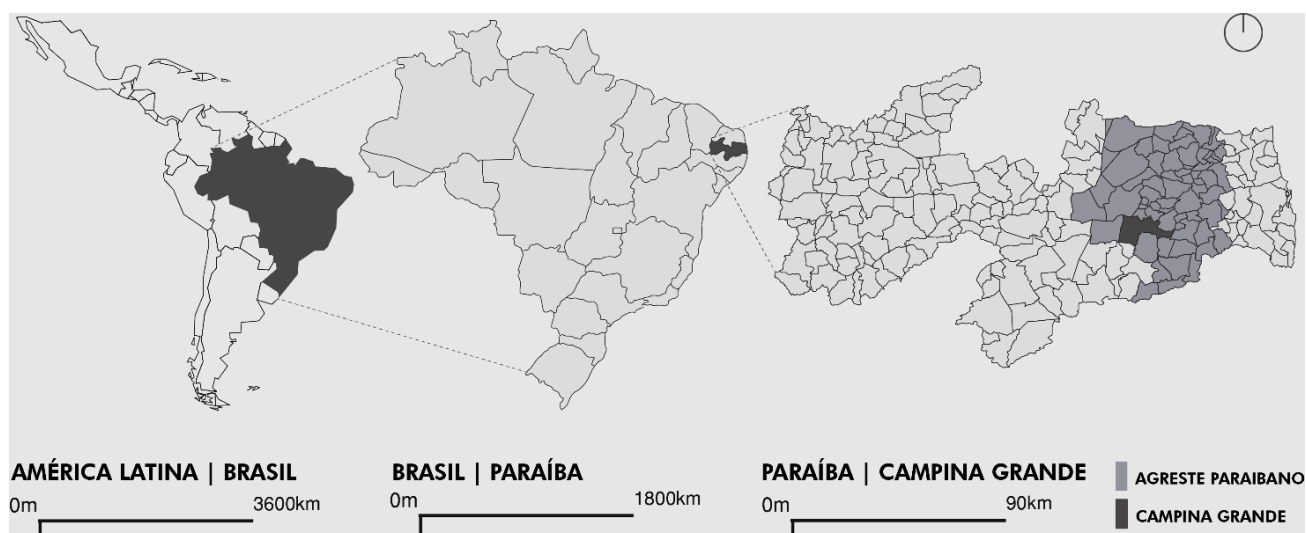
Fonte: Elaboração de Diego Diniz, 2020.

Dimensão espacial

Antes de tudo, esclarece-se que a análise da dimensão espacial se divide em duas partes, observando-se : a) o espaço externo, onde será analisado o lugar, o entorno e a implantação, entre outros; e, b) o espaço interno, observando as soluções do programa de necessidades e zoneamento, conforme escreveu Afonso (2019,p.60).

Quanto à dimensão espacial externa da obra em análise, importante introduzir informações básicas sobre a cidade na qual ela está implantada. Campina Grande está localizada no nordeste brasileiro, agreste paraibano, a 120 km da capital João Pessoa (Figura 07). Com aproximadamente 400 mil habitantes, é atualmente a segunda maior cidade paraibana em número populacional. Por sua localização estratégica, exerce forte influência educacional, cultural e comercial à sua Região Metropolitana (Lei Complementar Estadual nº 92/2009, que inclui 19 municípios paraibanos).

Figura 07: Localização da Cidade de Campina Grande/PB na América Latina, Brasil e Paraíba



Fonte: Montagem de Diego Diniz, 2020.

O Teatro Municipal Severino Cabral faz parte do Centro de Campina Grande, que possui uma população de 7.527 habitantes, de um total de 385.213 habitantes municipais, de acordo com o Censo de 2010. O Centro limita-se com os seguintes bairros: Conceição, Lauritzen, Jardim Tavares, Santo Antônio, José Pinheiro, Catolé, São José, Prata, Monte Santo e Palmeira. Segundo o Mapa de Uso do Solo da SEPLAN (Secretaria de Planejamento, Gestão e Transparência de Campina Grande) de 2010, o Bairro Centro possui uso misto, sendo predominantemente comércio/serviço e residencial.

A implantação do TMSC ocorre em um terreno de forma trapezoidal, com declive no sentido Leste-Oeste, de aproximadamente seis metros. Sua implantação faz limite norte com a Av. Dom Pedro II; ao sul com o estacionamento do TMSC e a Av. Floriano Peixoto - que corta a cidade em uma diagonal noroeste - nordeste; ao leste, uma pequena praça, com monumento em homenagem ao prefeito Severino Cabral, e o canteiro que divide os dois sentidos da Av. Floriano Peixoto (Figura 08).

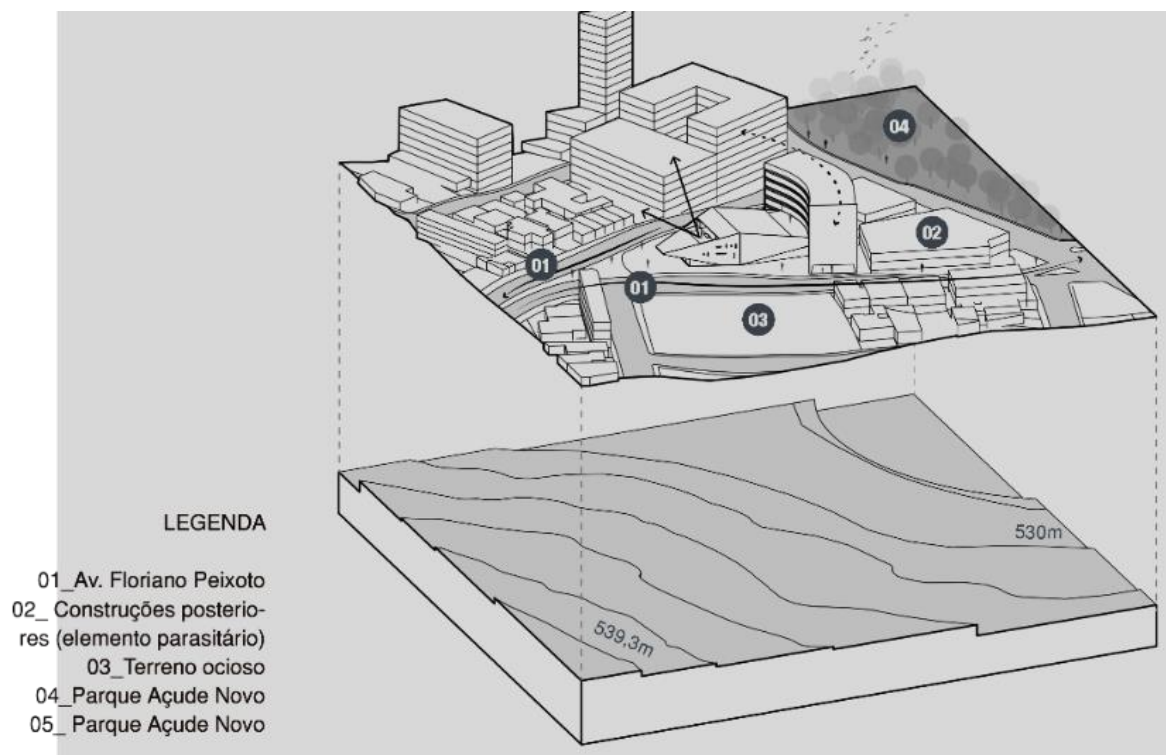
O edifício faz limite oeste com algumas construções de uso comercial, que possuem gabaritos desproporcionais e recuos inadequados. Esses “elementos parasitários”, obstruem a relação do edifício com a cidade, assim como a visualização da sua fachada oeste composta por um grande painel de azulejo.

Em um raio de 500 metros existem alguns equipamentos importantes, como por exemplo, o conjunto do Parque Evaldo Cruz (Açude Novo), projetado na década de 1970 pelo arquiteto campinense Renato Azevedo. Esse conjunto é composto pelo traçado urbano do parque, a Secretaria de Cultura de Campina Grande (SECULT) e um obelisco. Tem-se também o Parque do Povo, o Centro Cultural Lourdes Ramalho, e o Terminal de Integração. Este último, por sua vez, foi implantado de forma inadequada, bloqueando visualmente e fisicamente o acesso ao conjunto.

Além disso, o TMSC está próximo do Centro Histórico de Campina Grande, que é composta por praças, museus e edificações, predominantemente no estilo *Art déco*.

Quanto à dimensão espacial interna, observou-se através da pesquisa, que o TMSC tinha previsão inicialmente de uma área construída estimada em 5.404,9 m² distribuída em dois volumes, que compõe sua estrutura formal. Tal forma corresponde intrinsecamente a duas grandes zonas espaciais: o primeiro volume (de forma trapezoidal) com quatro pavimentos, correspondendo à zona de apoio aos público; e o segundo volume (curvado em forma de arco) com sete pavimentos, setorizando os espaços de administração, apoio aos artistas, palco principal, área técnicas e de serviço.

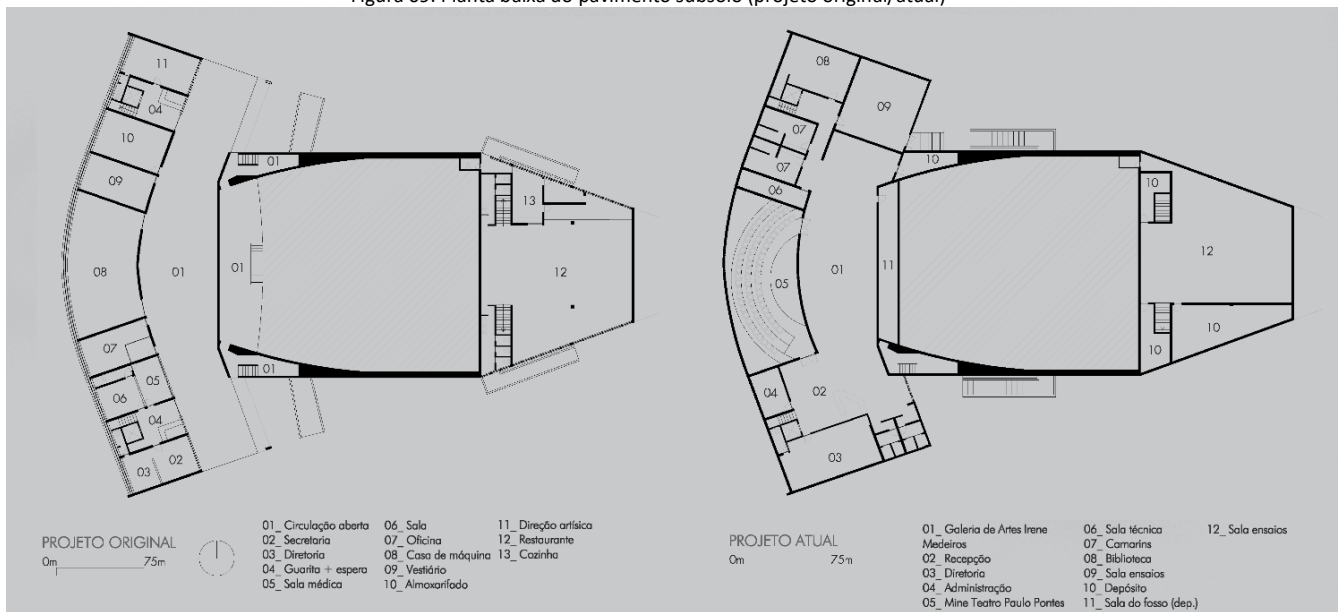
Figura 08: Esquema da implantação do TMSC no centro da cidade, evidenciado o entorno imediato



Fonte: Reconstrução virtual elaborada por Diego Diniz, 2020.

Sabe-se que entre o projeto concebido e a execução ocorrem diversas modificações, sejam por motivos financeiros, técnicos ou programáticos, que influenciam no resultado, além das modificações que ocorrem para adaptação às novas necessidades. Nesse sentido, é fundamental resgatar as intenções projetuais originais, buscando entender o processo de concepção, assim como as propostas que permearam seu desenvolvimento. Analisando-se o redesenho bidimensional da planta baixa do pavimento subsolo (figura 09), pode-se perceber as diferenças entre o projeto original e edifício atualmente.

Figura 09: Planta baixa do pavimento subsolo (projeto original/atuat)

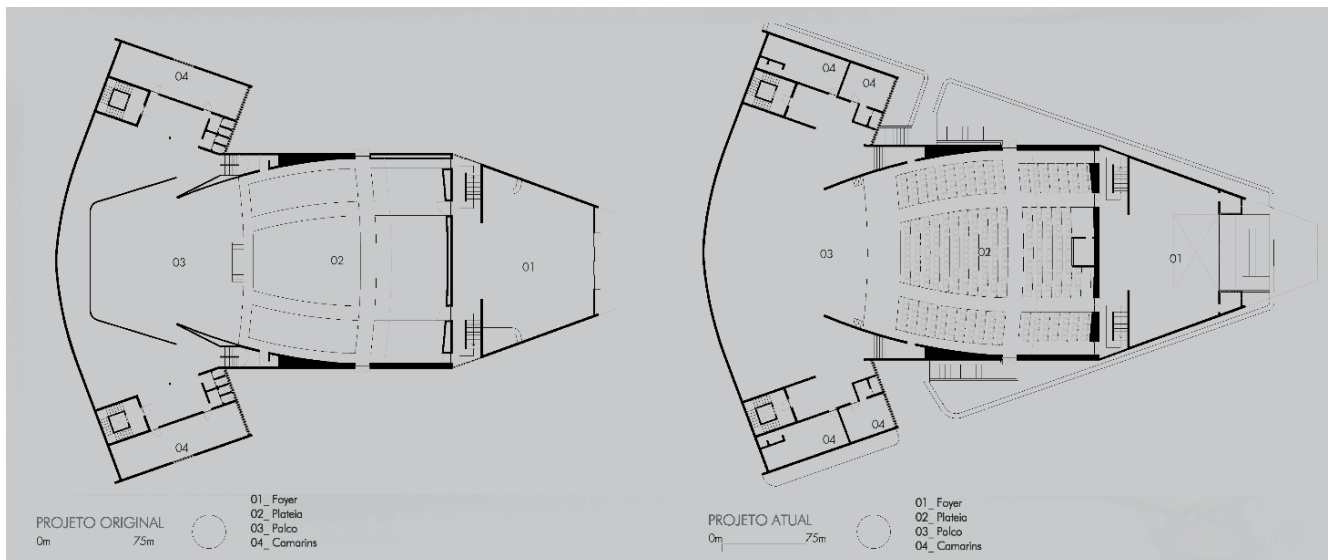


Fonte: Redesenho de Diego Diniz, 2020.

Uma dessas diferenças, que demonstrava uma intenção de projeto que beneficiaria os pedestres e fortaleceria o diálogo do edifício com a cidade, refere-se à uma circulação aberta, entre o norte e sul do edifício. Além disso, também se observou de modo geral: 1) A execução de apenas cinco, dos sete pavimentos previstos; 2) modificações na cobertura e nos reservatórios acima do último pavimento; 3) alterações na cobertura; 4) Uma varanda externa para os artistas e funcionários, que foi destinada a uma área técnica para condensadores; 5) A não execução de reservatórios de água que estariam localizados no último pavimento, etc.

É possível observar a espacialidade do pavimento principal, onde está inserido o palco, plateia e foyer representado na planta baixa do pavimento térreo (figura 10). A relação entre a forma e a função espacial é evidente. O programa foi resolvido de acordo com as características do terreno (forma e topografia), direcionando a porta principal para o centro histórico da cidade.

Figura 10: Planta baixa do pavimento térreo (projeto original/atuat)



Fonte: Redesenho de Diego Diniz, 2020.

As circulações verticais foram resolvidas com dois elevadores e duas escadas no volume oeste do edifício, e com duas escadas no volume ao sul, apresentando uma redução de acessibilidade.

Em 1975, ocorreu a primeira reforma, onde foi construído o Mini Teatro Paulo Pontes, com capacidade para 80 lugares e uma série de modificações internas. Alguns anos depois, em 1988, mais uma intervenção invasiva, pelo impacto das modificações: troca de revestimentos, traçado paisagístico, modernização de equipamentos técnicos (som, iluminação, acústica, mobiliário, ar-condicionado e equipamentos de palco), inserção de peles de vidro etc.

A última intervenção na obra aconteceu entre 2009 e 2011, principalmente, nos espaços internos. Houve troca de forro, novas instalações de ar-condicionado e do sistema elétrico e hidráulico; tratamento acústico e troca de poltronas; e a instalação de combate a incêndio, entre outras modificações. Os dados da Tabela 01 são referentes às reformas identificadas de acordo com fontes secundárias, como panfletos, notícias de sites, vídeos de reportagens etc.

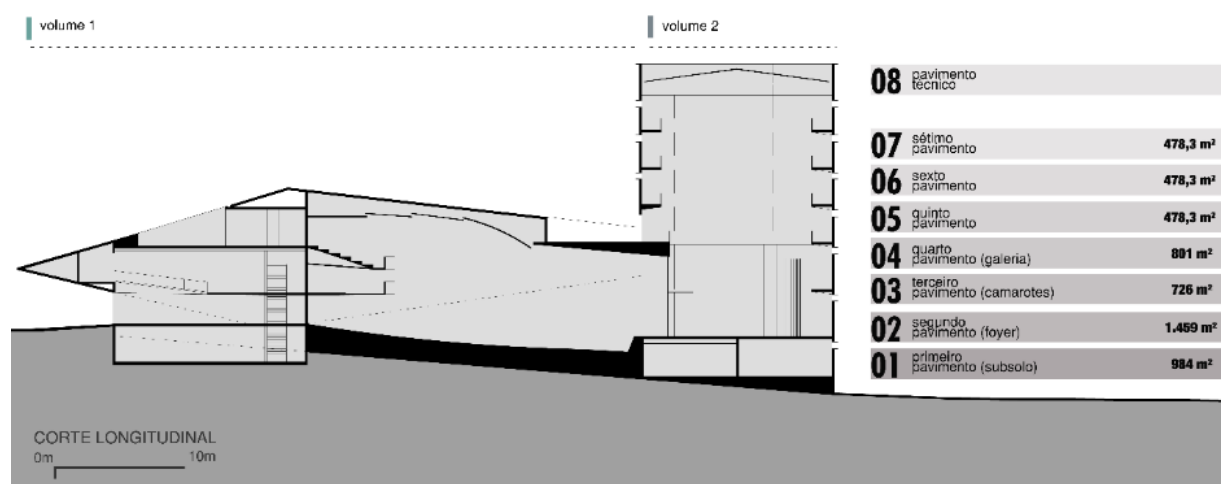
Tabela 1: Descrição das reformas ocorridas no TMSC

REFORMAS	
1975	Conclusão do projeto inicial; reparo do palco, plateia, camarotes e galeria; construção do Mini Teatro Paulo Pontes com 80 lugares;
1988	Recuperação do equipamento teatral, som, iluminação, acústica, mobiliário, equipamentos de palco, ar-condicionado. Troca e aplicação de revestimentos externos, criação de bilheteria, alteração do paisagismo e traçado externo (calçadas, jardins e estacionamento); alteração na escada de acesso principal; demolição das quatro rampas laterais, sendo duas refeitas em outra posição para saída de emergência; Instalação de peles de vidro no volume posterior;
2009-2011	Troca de forro; novas instalações e ar-condicionado (3º andar); restauração das instalações elétricas e de iluminação; recuperação dos sistemas hidráulicos; novo tratamento acústico e novas cortinas; rampa de acesso para deficientes; cabine de iluminação, banheiro acessível; novas poltronas; restauração da administração, salas de dança, camarins, sala de espetáculos e foyers; lavagem externa; novo piso; “descupinização”; recuperação de telhado; instalação de sistema de combate a incêndio; aumento da capacidade;

Fonte: Compilado de informações coletadas em fontes secundárias por DINIZ, 2020.

Além do espaço horizontal, também é interessante observar as relações espaciais horizontais entre os pavimentos do TMSC (Figura 11). No volume 1, entre o foyer e o primeiro pavimento existe um mezanino definindo uma espacialidade mais ampla, assim como o um espaço aberto no último pavimento, que possibilita uma relação visual com a paisagem da cidade. O espaço central comporta a plateia principal, galeria e mezanino. Por fim, no volume 2, existe um espaço central que percorre todos os pavimentos acima do palco.

Figura 11: Corte esquemático do TMSC



Fonte: Redesenho de Diego Diniz, 2020.

Dimensão funcional

Essa dimensão trata-se das soluções do programa em planta e zoneamento, conforme colocou Afonso (2019): Nesse



ponto é importante observar o uso original da obra, as alterações de usos ocorridas ao longo do tempo e o uso atual da edificação. Em sua concepção original o TMSC tinha um programa de necessidades moderno e progressista para a época, principalmente, por se uma cidade do interior. Além dos espaços comuns para o funcionamento de um teatro, até então, composto de foyer, plateia, palco e camarins, abrangia usos complementares, como bar, restaurante, mirante, salas de aulas e ensaios, entre outros.

Alguns ambientes foram reconfigurados, tais como, o restaurante - que se transformou em uma sala de ensaios; e o bar que parou de funcionar por diversas questões administrativas. Ao longo dos anos, algumas funções foram sendo adaptadas e alteradas para novas necessidades, como por exemplo, o banheiro acessível (embaixo da escada), sala técnica de iluminação, biblioteca, espaço de exposição e uma sala de apresentação menor - o Mini Teatro Paulo Pontes.

No projeto foi pensado em um estacionamento na parte posterior do edifício, estabelecendo um recuo em relação aos outros lotes. Esse recuo favorecia a sua permeabilidade visual. Por algum acordo político/administrativo, algumas construções foram feitas nesse recuo, prejudicando a visibilidade do edifício.

Ao longo dos anos também houve reformas no desenho urbano do seu entorno, sendo acrescentado um estacionamento aberto na lateral sul do edifício. Observa-se então, que enquanto teatro, sua função principal nunca foi alterada. Mas ocorreram algumas adaptações e alterações em espaços complementares, de acordo com as necessidades administrativas e de funcionamento.

Dimensão tectônica

Afonso (2019) traz como aporte para a compreensão da análise tectônica, a conceituação trabalhada por Frampton (1995), que definiu tectônica como “arte da construção”, ou seja, o caráter essencial da arquitetura, que unifica concepção e construção. Segundo a autora, na análise da tectônica devem ser considerados os seguintes pontos: 1) Estruturas de suporte; 2) Paredes; 3) Coberturas; 4) Detalhes; e 5) Revestimentos.

Dessa maneira, ao analisar-se o TMSC observou-se a composição da estrutura de suporte, ou superestrutura (vigas, pilares e lajes) de concreto moldadas *in loco* (figura 12). A vedação é de alvenaria convencional independente da superestrutura. Na entrada principal percebe-se a expressão do sistema construtivo, que permite uma laje de 6 metros em balanço, marcando e protegendo esse acesso.

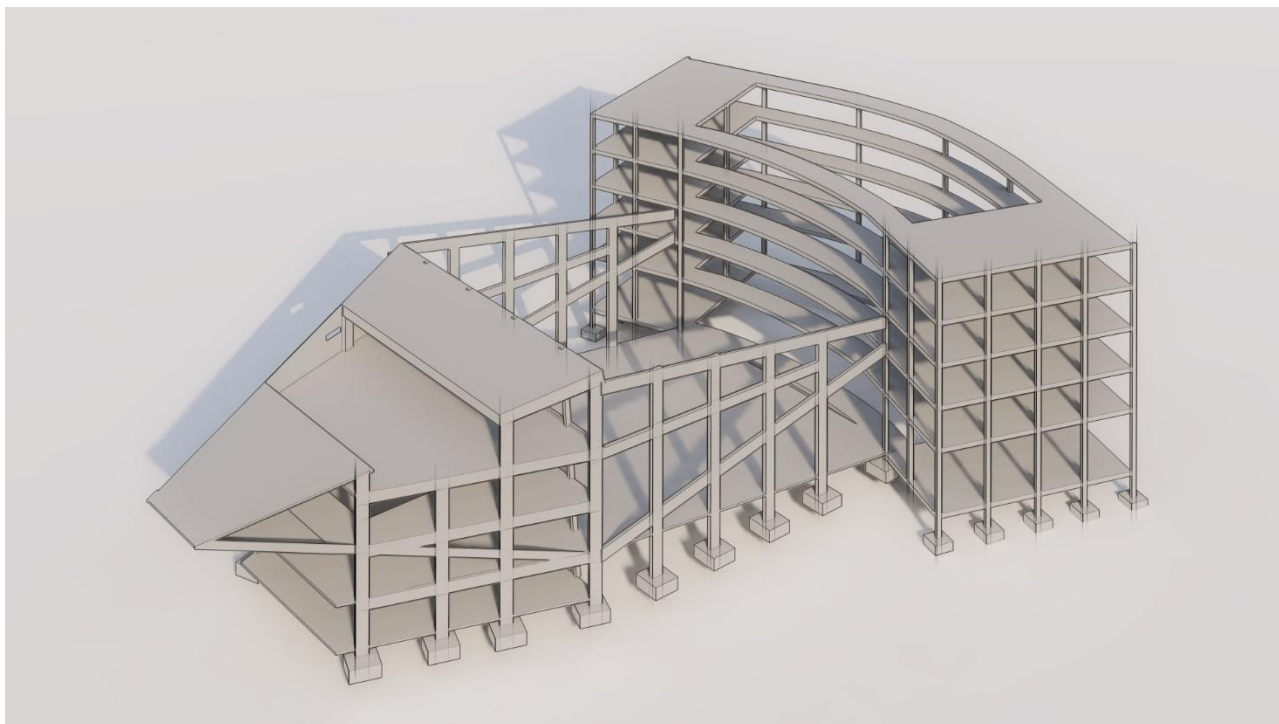
Figura 12: Imagens da construção do TMSC, possibilitando a visualização da estrutura de suporte



Fonte: Fotomontagem utilizando fotografias da época da construção do Arquivo do Blog Retalhos históricos de Campina Grande

A estrutura é sistemática, ao apresentar uma trama ordenadora em sua composição, e assintomática, ao não ter sua estrutura aparente (figura 13), mas podendo ser evidenciada pela técnica construtiva adotada, que é percebida através de sua construção formal mediante o dimensionamento dos vãos. Existe uma relação entre estrutura e forma mais evidente na volumetria externa, do que nos ambientes internos.

Figura 13: Reconstrução tridimensional simulando a estrutura portante sistemática do TMSC



Fonte: DINIZ, 2020

Quanto às peles construtivas do TMSC, ou seja, o envoltório da edificação, destaca-se o processo de alterações ao longo do tempo, algumas orientadas pelo próprio autor da obra. Isso ocorreu principalmente, porque a obra não foi concluída na sua inauguração, acarretando um processo longo de reformas e implementações de componentes.

As esquadrias externas são predominantemente de vidro com caixilhos metálicos. De modo geral, existem poucas esquadrias, limitando-se à porta de entrada e às de emergência, nas laterais, além daquelas presente no jardim terraço e as janelas laterais, que iluminam os banheiros e os patamares das escadas. Também foram acrescentadas na reforma da década de 1980 duas grandes esquadrias de vidro e caixilhos metálicos nas fachadas leste, sobrepostas em todos os pavimentos, assim como dois painéis em brises metálicos verticais que sobrepoem as laterais das fachadas oeste, protegendo as esquadrias da insolação direta. (Figura 14)

Figura 14: Esquadrias e brises presente no TMSC



Fonte: Fotomontagem com fotografias de Diego Diniz.2020.

A cobertura foi solucionada adotando-se dois tipos de sistemas: laje revestida com mármore – expressando a composição formal da edificação – presente na marquise do acesso principal, e parte em telhas de fibrocimento com

uso de platibandas.

Quanto à materialidade construtiva, observou-se que os tons de cinza dos revestimentos em pedra e concreto foram substituídos pelo granito terracota e o mármore bege Bahia, nas fachadas, em consequência das reformas ocorridas. No interior predominam materiais como o mármore branco, tábuas de madeira e carpete.

Na fachada oeste, encontra-se um painel em azulejo com tons terrosos, e uso da cor azul e bege, do artista plástico carioca Roberto Magalhães. A visão do painel foi bastante prejudicada pela construção indevida no recuo posterior do TMSC, de um centro comercial que desrespeitou a distância exigida pela legislação municipal.

Dimensão formal

O conceito de forma, pode ser considerado como estrutura essencial interna e como construção do espaço e da matéria, segundo MONTANER (2002). Está relacionada ao diálogo entre o programa, o lugar, a estrutura e os materiais, segundo escreveu MAHFUZ (2004), em texto sobre a forma pertinente.

Assim, a dimensão formal trata-se da construção da forma e do espaço, observando-se aqui, que a forma moderna foi a linguagem adotada para o volume como um todo. Segundo Afonso (2013, p.129), a forma moderna adotou critérios tais como:

Arquitetura como volume e jogo dinâmico de planos; a tendência à abstração e à simplificação; utilização de malhas geométricas estruturantes do projeto; busca de formas dinâmicas e espaços transparentes, com o predomínio da regularidade, substituindo a simetria axial acadêmica, e a ausência de decoração que surge de perfeição técnica.(AFONSO, 2013, p.129)

Tais valores puderam ser apreendidos no resultado formal do objeto analisado: Geraldino criou uma forma limpa, forte e marcante, inspirado em obras modernas produzidas no país (figura 15), conforme foi visto anteriormente, da Escola carioca através da produção de Oscar Niemeyer. Também foi contatada uma relação visual com a obra do Teatro Castro Alves de Bina Fonyat, e tal semelhança necessita ser mais bem aprofundada.

Figura 15: Reconstrução virtual do TMSC, explorando a dimensão formal



Fonte: Reconstrução virtual realizada por Diego Diniz. 2020

Mas, sem dúvida, o terreno foi um dos condicionantes que mais influenciou na concepção da forma do teatro. O terreno trapezoidal e com topografia em declive, possibilitou a setorização da plateia, seguindo o relevo natural, e a resolução do programa em dois volumes principais. (Figura 16)

Figura 16: Esquema concepção volumetria do TMSC



Fonte: Fotomontagem de Diego Diniz, 2020.

Dimensão da conservação

Para a análise da conservação, foi necessário a realização de diversas visitas à obra, vistorias, produção de fichas de identificação de danos de (FID's), e mapas de danos, a partir da compreensão das anomalias, materiais e soluções construtivas empregadas na obra, apoiando-se para tanto em métodos desenvolvidos por LICHENSTEIN (1986) e TINOCO (2009).

O processo de análise foi adaptado aos recursos disponíveis, não sendo utilizado nenhum método mais avançado com uso de instrumentos específicos ou ensaios laboratoriais. Dessa forma, a análise da conservação baseou-se em experiências empíricas. Não será apresentado aqui, pois o enfoque do texto é histórico e não, do estudo das patologias que interferem na conservação do bem.

Contudo, registra-se que para a coleta das informações ocorreram algumas vistorias em loco, através de registros fotográficos que permitiram a observação do edifício. Também foram feitas pesquisas referentes ao histórico do TMSC, observando as implicações contextuais e políticas referentes as modificações ocorridas. Posterior a isso, buscou-se compreender essa problemática, a partir de diagnósticos da situação atual, entendendo as origens e causas das patologias, de acordo com cada dano encontrado. Posteriormente foram definidas condutas de conservação. Tais informações estão contidas no trabalho de conclusão de curso/ TCC de Diniz (2020) e podem ser consultadas, por aqueles que desejarem se aprofundar nesse tema, além de texto escrito por Afonso e Meneses (2018).

A Figura 17 é composta por seis imagens do TMSC, de 1962 a 2019: nessa montagem pode-se perceber as mudanças ocorridas nas fachadas do edifício, desde sua construção, sejam causadas pelas reformas ocorridas, ou por manifestações patológicas. Essas imagens representam visualmente às incorporações e pátinas que narram a história do edifício ao longo de mais de cinco décadas, e possui uma importância documental para se observar o edifício ao longo dos anos.

personagens e projetos. 1950-1970. Revista Jatobá: Universidade Federal de Goiás. Vol. 2. 2020. Em rede: <https://revistas.jatai.ufg.br/revjat/article/view/65428>. Acesso em 31 de outubro de 2020.

ALMEIDA, Adriana. *Modernização e Modernidade: uma leitura sobre a arquitetura moderna de Campina Grande (1940-1970)*. (Dissertação) – Universidade de São Paulo Campus São Carlos, 2010.

ALMEIDA, Adriana. *Arquitetura moderna residencial de Campina Grande: registros e especulações (1960-1969)*. Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2007.

BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Ed. Perspective.1981.

ARAÚJO, Ana Paula et al. Webinar *O Cenário Brasileiro e Latino americano da Documentação do Patrimônio: pesquisas, pesquisadores e Instituições*. Em rede: <https://www.youtube.com/watch?v=-peJKRE8v3k>. Transmitido ao vivo em 16 de set. de 2020. Acesso em 01 de novembro de 2020.

BRASIL. Constituição. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: Nov. 2020.

CAMARGO, Mônica Junqueira. Patrimônio moderno. Em CARVALHO, Aline e MENEGUELLO, Cristina. *Dicionário temático de patrimônio*. Campinas: UNICAMP. 2020. pp: 169-171.

Carta de Veneza de 1964. Em rede <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em 02 de novembro de 2020.

CASTRIOTA, Leonardo. *Patrimônio cultural. Conceitos, políticos, instrumentos*. São Paulo, Belo Horizonte: Annablume.2009.

Código de Obras de Campina Grande, Lei Nº 5410/13. Em rede: <<http://pmcg.org.br/wp-content/uploads/2014/10/codigo-de-obras-Lei-5410.13.pdf>>. Acesso em maio de 2020.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Em rede: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acessado em 20 de outubro de 2020.

COSTA, L. Considerações sobre arte contemporânea (1940). In: L. COSTA, *Registro de uma vivência*. São Paulo, Empresa das Artes, p. 245-258. 1995.

DINIZ, Diego. *Intervenção Arqui(tectônica): Estudo preliminar de restauro do Teatro Municipal Severino Cabral em Campina Grande-PB*. (Monografia) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB, 2020.

DINIZ, Diego. *Tectônica da modernidade: Desafios para a preservação da arquitetura moderna em Campina Grande-PB*. XVI Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2019.

DINIZ, Diego. *Arqui(tectônica) da Modernidade: Análise de exemplares da obra de Geraldino Duda em Campina Grande, na década de 1960*. Plano de Pesquisa apresentado e aprovado no mestrado ao PPGAU-UFPB, 2020.

GOODWIN, Philip. *Construção Brasileira, arquitetura moderna e antiga*. Nova Iorque: MOMA.1943.

GROPIUS, Walter. *Bauhaus: nova arquitetura*. São Paulo. Editora Perspectiva, 1972.

KATINSKY, J. R. *Pesquisa Acadêmica na FAUUSP*. São Paulo: FAUUSP. 2005.

LE CORBUSIER. *Por uma arquitetura*. São Paulo: Editora Perspectiva. 6ª. Edição. 2000.

LICHTENSTEIN, Noberto. *Patologia das construções*. São Paulo: Boletim Técnico Nº06/86 da Escola Politécnica da USP, 1986. Disponível em: http://www.pcc.poli.usp.br/files/text/publications/BT_00006.pdf. Acesso em: jul. 2020.

MENESES, C. *A casa segundo Geraldino Duda*. (Monografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB, 2017.

MINTO, Márcio et al. Webinar *Tecnologias digitais para documentação: do vernáculo ao moderno*. Em rede: <https://www.youtube.com/watch?v=0aldi-042S0&feature=youtu.be>. Transmitido ao vivo em 23 de set. de 2020. Acesso em 18 de outubro de 2020.



MONTANER, Josep. *As formas do Século XX*. Barcelona: Editora Gustavo Gili.2002.

MONTANER, Josep. *Depois do movimento moderno. Arquitetura da segunda metade do século XX*. Barcelona: Editora Gustavo Gili.2009.

PLANO DIRETOR DE CAMPINA GRANDE, Lei complementar nº 003, de 9 de outubro de 2006. Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande.

PIÑÓN, Helio. *El sentido de la arquitectura moderna*. Barcelona: Ediciones UPC.1997.

QUEIROZ, Hermano et al. Webinar *Tecnologias digitais para documentação: do vernáculo ao moderno*. Em rede: <https://www.youtube.com/watch?v=0aldi-042S0&feature=youtu.be>. Transmitido ao vivo em 23 de set. de 2020. Acesso em 18 de outubro de 2020.

QUINTERO, Mario et al. Webinar *Tecnologias digitais para documentação: do vernáculo ao moderno*. Em rede: <https://www.youtube.com/watch?v=0aldi-042S0&feature=youtu.be>. Transmitido ao vivo em 23 de set. de 2020. Acesso em 18 de outubro de 2020.

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil.1900-1990*. São Paulo: EDUSP. 1997.

SUAREZ, Aurelio et al. Webinar *Tecnologias digitais para documentação: do vernáculo ao moderno*. Em rede: <https://www.youtube.com/watch?v=0aldi-042S0&feature=youtu.be>. Transmitido ao vivo em 23 de set. de 2020. Acesso em 18 de outubro de 2020.

TEATRO SEVERINO CABRAL. [Site institucional]. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20050406150756/http://www.teatroseverinocabral.com.br/base_artigo.php?id=38>.

